

Caiu na rede é tilápia

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do *Correio*

Ronaldo de Oliveira

“Aqui só tem cará!” — reclamam os amantes da pesca que recorrem às águas do Lago Paranoá mais pelo gostinho de ficar à toa à espera de peixe, do que pelos resultados da pesca nada milagrosa. O cará, também conhecido como tilápia, não pesa mais que meio quilo e não chega a ser atraente nem para seus predadores naturais: o tucunaré e a traíra. É dominante no estoque pesqueiro do lago, estimado entre 1,5 mil e 2 mil toneladas.

O sonho de todo pescador do Paranoá é dar de cara, ou de anzol, com uma das carpas chinesas que fugiram dos viveiros experimentais da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb). Os dois únicos exemplares dessa espécie que foram recolhidos do lago pesavam 14 quilos. Só umas 50 dessas estão passeando pelo fundo do lago e não dão a mínima para minhoca. O peixe não é burro, também não caem tarrafas — que são proibidas na pesca lacustre no Distrito Federal. De qualquer modo, apanhar um desses apenas satisfaria a vaidade, pois a carne não é boa para o consumo.

Com um monte de marmanjos atolados no brejo às margens do braço sul do Lago Paranoá, quem teve peixe de verdade para mostrar foi a jovem Creuziene Monteiro dos Santos, 13 anos: uma tilápia de aproximadamente meio quilo. Os outros, para impressionar, vão ter que inventar história. Há quem chame de “programa de índio”, mas a pescaria atrai muita gente às margens do Lago Paranoá, especialmente nos domingos ensolarados. Em geral o resultado não passa de uma dúzia de peixinhos.

Os pontos favoritos dos pescadores do Paranoá são as pontes do Braghetto, no Lago Norte e das Garças, perto do Centro Comercial Gilberto Salomão. Junto com a família, Creuziene passa um ou outro domingo ali. Vara na mão, linha na água e paciência. Muita paciência. “A pesca aqui é muito fraca. No córrego do Guará, onde minha avó tem uma chácara, é bem melhor”, diz a mocinha.

Com ela e a família, outro grupo de pescadores adolescentes vindos do Núcleo Bandeirante divide o espaço ao lado da ponte. Leonardo Ribeiro, 16 anos, mostra uma dezena de tilápias pequenas. “Dá pra fazer muita coisa com isso. Pode cozinhar ao molho e dá pra fazer até uns filezinhos se tirar as espinhas”.

Como isca, a velha minhoca ou massa com farinha de trigo, polvilho e açúcar. Tem o tal do boró, mas este só os mais dispostos encaram. “É um bicho muito nojento”, opina Creuziene.

Embora a pesca no Paranoá seja mais passatempo que esporte, é senso comum entre os pescadores que o fim da tarde e o começo da noite são os horários em que mais se morde no lago. João Carlos Souza, por exemplo, conseguiu pescar quatro robustas tilápias.

Há sempre quem não queira passar vergonha. O pescador Valdo Carreiro, 28 anos, quebrou o galho de um grupo de amigos vindo de Sobradinho. Eles só pegaram uns goles de *cátia* (cachaça), mais nada. As tilápias que levaram para casa foram compradas de Valdo.

Há seis meses descendo de Sobradinho de bicicleta, até as margens do Paranoá, pesca mais tilápias do que outras espécies. “Lá para cima, mais perto da barragem, tem tucunaré. Mas esses só se pega usando piaba ou camarão de isca”, ensina. Esse peixe, mais circunspecto, costuma dar o ar da graça somente à noite.



Creuziene Monteiro dos Santos, a pescadora de 13 anos, deixou os marmanjos envergonhados: conseguiu fregar uma tilápia de quase meio quilo num brejo do braço sul do Lago Paranoá